

Sobrepeso na gravidez: risco futuro

Estudo da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, mostra que gestantes acima do peso têm maior probabilidade de desenvolvimento de problemas cardíacos anos após o parto e que podem ser evitados

» ISABELLA ALMEIDA

O sobrepeso em mulheres, que tiveram complicações durante a gestação, como pré-eclâmpsia e diabetes gestacional, pode explicar o aumento de risco das mães desenvolverem doenças cardíacas. O estudo, realizado por uma equipe de pesquisadores da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, identificou que a obesidade antes ou durante a gravidez é fator determinante na saúde feminina.

De acordo com o artigo, publicado na revista *Circulation Research*, os cientistas buscam compreender qual fator de risco — se a obesidade ou as complicações durante a gravidez — se sobrepõe, estimulando o surgimento de doenças cardíacas anos após o período gestacional.

“Demonstramos, pela primeira vez, que os resultados adversos da gravidez são principalmente indicadores — e não a causa raiz — de futuros problemas cardíacos. Isso significa que a gravidez apenas revela o risco de doenças cardíacas que já existem”, narra em nota, Sadiya Khan, professora da Universidade Northwestern e autora correspondente do artigo.

A pesquisa

Os cientistas usaram dados de outro ensaio, o nuMoM2b Heart Health Study, para acompanhar 4.216 mulheres gestantes. O monitoramento começou nos estágios iniciais da gravidez e durou uma média de 3,7 anos após o parto. Na primeira consulta do estudo, a idade média das mães era de 27 anos, e 53% tinham índice de massa corporal (IMC) normal, 25% estavam com sobrepeso e 22% tinham obesidade.

Comparadas àquelas com IMC normal,

Palavra de especialista

Questão de saúde pública

“Está cada vez mais consolidado que o excesso de peso traz malefícios à saúde por si só e que essa condição não deve ser negligenciada. Há diversos tratamentos medicamentosos e não medicamentosos que podem ajudar o paciente a vencer essa doença, a depender da característica de cada indivíduo. É importante o

acompanhamento de uma equipe multi-disciplinar, tais como médicos, nutricionistas, educadores físicos, psicólogos, dentre outros. Estudos como o da Universidade Northwestern, ampliados para populações de diversos países e etnias, são importantes para que possamos direcionar programas de saúde pública e consolidar evidências que contribuam com a saúde cardiovascular das futuras mães.”

Ricardo Cals, cardiologista do Hospital Santa Lúcia.

as mulheres com sobrepeso ou obesidade mostraram maior risco de desenvolver distúrbios hipertensivos na gravidez. Nenhuma das voluntárias tinham histórico de hipertensão ou diabetes pré-gestacional.

A equipe notou que aproximadamente 15% de todas as participantes apresentaram complicações relacionadas à hipertensão. Entre outros problemas, 11% tiveram bebês com baixo peso ao nascer, 8% passaram pelo parto prematuro e 4% sofreram de diabetes gestacional. Nos anos seguintes à gravidez, as mulheres com complicações relacionadas à pressão tinham 97% mais probabilidade de ter pressão arterial alta e 31% eram mais propensas a ter colesterol elevado.

Caio Lessa, membro da Comissão de Hiperlipidemia e Gestação da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), observa que, durante a gestação, o sistema cardiovascular também passa por mudanças e que, no caso de pacientes com sobrepeso, as

alterações são mais severas.

“O sistema cardiovascular da gestante se adapta todo, aumenta muito o volume circulante de sangue e os vasos vão ficar mais cheios e mais flexíveis para acomodar esse volume e o coração vai trabalhar numa frequência maior. Se você agrega isso à obesidade, que já causa alterações, a situação tende a piorar”, diz o médico. Segundo ele, a melhor alternativa é a prevenção e acompanhar a paciente na gestação e no pós-parto.

Estresse

Khan destaca a relevância do estudo para garantir qualidade de vida às mães. “Essas descobertas são importantes porque se a obesidade pré-gravidez for a culpada ou a causa do risco, deveríamos direcionar isso com intervenções. Não queremos apenas esperar até que as pessoas tenham estes eventos cardiovasculares, queremos impedir que isso aconteça”, enfatizou o cientista.

Arteida MjESHTRI on Unsplash



Mulheres têm de redobrar os cuidados com a balança durante os nove meses

Para os pesquisadores, a intervenção na obesidade antes da gravidez é fundamental. Um eixo fundamental da pesquisa é baseado no chamado “trimestre zero”, que representa a saúde pré-gestação. Segundo o ensaio, ao melhorar o vigor durante essa fase, é possível evitar problemas de saúde a longo prazo. Todavia, os autores consideram que pode ser difícil realizar essa abordagem.

Rosangeles Konrad, cardiologista, coordenadora da Linha de Cuidados Cardiológicos do Hospital Anchieta, em Brasília, reforça que o ideal seria transmitir as orientações à gestante antes da gravidez. “O que conta mesmo é a prevenção, conversar com a paciente antes dela engravidar. Mas na maioria das vezes isso não

acontece. Orientar a paciente ficaria a cargo da ginecologia obstetrícia, sugerir que ela perca peso por conta das consequências: para o feto, complicações durante a gravidez e, agora, a doença cardiovascular.”

O trabalho frisa que o início da gravidez é um momento oportuno para aconselhar sobre hábitos saudáveis para o coração, como dieta e exercício. “Definitivamente não queremos recomendar a perda de peso durante a gravidez, mas queremos recomendar aconselhamento e monitorização para um ganho de peso gestacional adequado. É uma das poucas vezes na vida em que você vai ao médico com frequência enquanto está saudável”, destacou a autora correspondente, em comunicado.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

NASA/Divulgação



SEGUNDA-FEIRA, 20

NO CORAÇÃO DA VIA LÁCTEA

Desde que entrou em operação, há menos de dois anos, o telescópio espacial James Webb, da Nasa, vem registrando imagens surpreendentes. O potente equipamento captou, agora, uma parte do centro denso da nossa galáxia com detalhes sem precedentes. A região de formação estelar, denominada Sagitário C (Sgr C), fica a cerca de 300 anos-luz do buraco negro supermassivo central da Via Láctea, Sagitário A*. “Nunca houve quaisquer dados infravermelhos nessa região com o nível de resolução e sensibilidade que obtemos com Webb, por isso estamos vendo muitas características aqui pela primeira vez”, disse Samuel Crowe, investigador principal da equipe de observação. “Webb revela uma quantidade incrível de detalhes, permitindo-nos estudar a formação estelar nesse tipo de ambiente de uma forma que não era possível anteriormente”, acrescentou Crowe, estudante de graduação na Universidade da Virgínia, em Charlottesville.

TERÇA-FEIRA, 21

O MORTÍFERO VERÃO EUROPEU DE 2022

Um estudo liderado pelo Instituto de Saúde Global de Barcelona (ISGlobal) revela que o número de mortes, relacionadas ao calor na Europa durante o verão de 2022, pode ter ultrapassado 70 mil, revisando estimativas iniciais. Um trabalho anterior, baseado em dados semanais de temperatura e mortalidade, em 35 países, estimou 62.862 mortes prematuras devido às altas temperaturas. Conforme o artigo, publicado na revista *The Lancet Regional Health-Europe*, os pesquisadores, ao perceberem que a utilização de dados semanais poderia levar a uma subestimação dos resultados, realizaram um novo ensaio com o objetivo de criar um modelo de referência. As conclusões indicaram uma subestimação da mortalidade do calor, em 21,56%. Ao atualizar os números, o número chega a 70.066 mortes.

QUARTA-FEIRA, 22

SISTEMA REDUZ INJEÇÕES

Engenheiros de materiais da Universidade de Stanford desenvolveram um novo sistema de administração de medicamentos em hidrogel que transforma injeções diárias ou semanais de medicamentos para diabetes e controle de peso em apenas uma vez a cada quatro meses. Em um estudo publicado na *Cell Reports Medicine*, os pesquisadores afirmaram que o sistema melhorará muito o controle das doenças metabólicas, facilitando a adesão ao tratamento. Meio bilhão de pessoas em todo o mundo sofrem de diabetes tipo 2.

Andrea Ivana d'Aquino/Universidade de Stanford/Divulgação



QUINTA-FEIRA, 23

NAUFRÁGIOS VIRAM REFÚGIOS MARINHOS

marcusrose.gue



Um estudo conduzido pela Universidade de Plymouth e pela Blue Marine Foundation é o primeiro a demonstrar a crescente importância ecológica dos naufrágios — e das áreas que os rodeiam — em regiões de forte pressão pesqueira. A pesquisa, publicada na revista *Marine Ecology*, foi realizada na costa do Reino Unido, onde estima-se que 50 mil embarcações possam ser encontradas. Os especialistas constataram que esses barcos, muitos deles no fundo do mar há mais de um século, têm funcionado como refúgio para peixes, corais e espécies marinhas em áreas ainda abertas à pesca destrutiva. De acordo com a investigação, são um esconderijo seguro à ação de pescadores que utilizam redes de arrasto rebocadas pelo fundo. Como resultado, a área em torno dos naufrágios permanece imaculada.